

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS E
GESTÃO EDUCACIONAL
MESTRADO PROFISSIONAL

LINGUAGEM E RACISMO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: GUIA
INTERATIVO PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ETNICO-
RACIAIS

Taize Gonçalves Goulart

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Moreira da Rocha Veiga

Guia Interativo de Letramento Racial

LETRAMENTO

JÁ



índice

	Sobre o Guia.....	3
	Letramento racial.....	4
	O que é racismo.....	5
	Branquitude:reconheça seus privilégios.....	6
	Fique ligado na legislação.....	7
	Expressões racistas mais utilizadas.....	8
	Poemas Inspirados em Carolina Maria de Jesus e música: Eminência Parda.....	9
	Músicas.....	13
	Dicas de livros.....	15
	Dicas de filmes.....	16
	Vale saber.....	17
	Referências.....	20

Sobre o Guia:

Olá, o guia de letramento racial: **Letramento já**, é um produto do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Elaborado durante a prática de sala de aula ministrada pela Professora e pesquisadora Taize Goulart, sob orientação da Prof.^a Dra. Adriana Moreira da Rocha Veiga. Os conteúdos que compõem o guia são referências da construção de conhecimento a partir da prática de Letramento racial desenvolvidos com turmas do Ensino Médio em Tempo Integral - no Instituto Estadual de Educação Básica Vicente Dutra na cidade de Júlio de Castilhos - RS.

Letramento racial

A ideia de letramento racial foi construída pela antropóloga afro-americana France Winddance Twine, como estratégia para responder individualmente às tensões raciais, lado a lado com respostas coletivas, por meio de políticas públicas. Para dar certo, esta proposta necessita envolver negros, brancos, vermelhos, a humanidade enfim, desconstruindo o racismo, a partir da reeducação. A partir disso, é preciso rever as nossas atitudes, palavras, sentimentos, crenças, comportamentos, de modo a derrubarmos as barreiras que se estabeleceram, estruturalmente na sociedade e no comportamento individual, por conta da cor da pele.

O que é Racismo?

Para definir racismo utilizamos três perspectivas:

Para Almeida (2018, p.) :



“O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento e se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos a depender do grupo racial ao qual pertençam”.

Munanga (2004, p. 24), diz que:



O racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence.

Souza (2021, p. 27), diz:



Todos os “racismos”, seja de gênero, de “raça”, de classe ou de “cultura” possuem um núcleo comum e devem ser tratados simultaneamente. Daí que o conjunto de opressões que cria a humilhação social deva ser percebido sob a chave de um racismo multidimensional, o qual assume máscaras diversas dependendo do contexto social”.

Branquitude: Reconheça seus privilégios

RIBEIRO (2020, p. 33) e depois KILOMBA (2016, s/p):

A branquitude é um traço identitário também marcado por privilégios construídos a partir da opressão de outros grupos.

Devemos lembrar que este não é um debate individual, mas estrutural: a posição social do privilégio vem marcada pela violência, mesmo que determinado sujeito não seja deliberadamente violento. Os homens brancos são a maioria em espaços de poder. Esse não é um lugar natural construído a partir do processo de escravização.

...as pessoas brancas não se veem como brancas, se vêem como pessoas. E é exatamente essa a equação, “sou branca e por isso sou pessoa” e esse ser pessoa é a norma, que mantém a estrutura colonial e o racismo. E essa centralidade do homem branco não é marcada.

Fique ligado na legislação



Políticas Públicas e legislação antirracista:



A Lei Afonso Arinos: 1390/51 - Prevê punição para ato público de racismo;



A Lei nº.7.716 de 05/01/1989 - Punidos, na forma desta Lei, os crimes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião, etc.;



LDBN nº. 9.394/96 obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena no ensino fundamental e médio, públicos e privados.



Lei Federal nº. 12.796/13 alterando a LDBN, acrescenta a consideração com a diversidade étnico-racial; Lei Federal nº. 10.639/03 - História e cultura afro-brasileira nas escolas.



Lei nº. 12.711/2012 - Estudantes de escolas públicas; 12.990/2014 lei de cotas - pretos pardos e indígenas; Lei nº 14.532/2023 - Pós-Graduação.

Expressões Racistas Mais utilizadas

Use x Não use

✓ Use: a situação está difícil

✗ Não use: a coisa está preta

✓ Use: Ele é uma boa pessoa

✗ Não use: Ele é um preto de alma branca

✓ Use: Eu valorizo a diversidade e respeito as diferenças.

✗ Não use: Eu não vejo cor, sou totalmente imparcial

✓ Use: Esse serviço foi mal feito.

✗ Não use: Esse serviço é de preto

✓ Use: Ela é uma linda mulher negra

✗ Não use: Ela é uma linda mulata

✓ Use: Ele (a) é bonito

✗ Não use: Ele (a) é um negro de traços finos

✓ Use: Ele pode não ter vivido as mesmas lutas, mas pode aprender

✗ Não use: Ele é branco, não pode entender nossas lutas

✓ Use: Eu registrei as pessoas que são mal pagadoras

✗ Não use: Eu fiz uma lista negra das pessoas que são mal pagadores

✓ Use: Não utilize essa expressão pois é uma forma racista de falar de uma pessoa com origem afrodescendente

✗ Não use: Ele tem um pé na cozinha

✓ Não utilize essa expressão pois é uma forma racista

✗ de falar de uma pessoa com origem afrodescendente

Não use: Ele tem um pé na cozinha

Poemas Inspirados em Carolina M^a de Jesus:



Muitas fugiam ao me ver...
Muitas fugiam ao me ver
Pensando que eu não percebia
Outras pediam pra ler
Os versos que eu escrevia
Era papel que eu catava
Para custear o meu viver
E no lixo eu encontrava livros para ler
Quantas coisas eu quiz fazer
Fui tolhida pelo preconceito
Se eu extinguir quero renascer
Num país que predomina o preto
Adeus! Adeus, eu vou morrer!
E deixo esses versos ao meu país
Se é que temos o direito de renascer
Quero um lugar, onde o preto é feliz.

– Carolina Maria de Jesus, em “Antologia pessoal”. (Organização José Carlos Sebe Bom Meihy). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

Preconceito

Preconceito é uma ação
Onde a falta de atitude
Prevalece
um ser sem coração
pensa que é melhor
ou tem mais capacidade
Mas na verdade é maior
A sua imbecilidade
Se o sangue é da mesma cor
E a pele é só uma carcaça
Por tanto desamor
Tanta arrogância de graça
Somos todos diferentes
Porque assim fomos feitos
Criaturas inteligentes!
Mas ainda com defeitos

Percepção

Deu para perceber
O desprezo que
Eles tinham ao
nos olhar
Somente porque não
Costumávamos frequentar.
Lugares assim nem
Pensar.
Quem diria
que um dia
Chegaríamos lá

Cor de alma

Cor de pele, cor de alma
Julgado pela cor, não pelo
carater
Olhares que ferem,
palavras que cortam
Que a cor da pele, não
seja barreira
Mas sim um mosaico, de
beleza e altivez
Que o respeito floresça, e
a justiça prevalesça.

Dor Ancestral

Um grito silenciado, uma dor
ancestral. Nas sombras do tempo a
história é contada, por olhares
ferem e palavras sangrentas.
Uns negam sorrisos, outros apagam
memórias, julgam cor em suas
sentenças, o que manda é a crença,
tanto faz a presença.

A alma nega a dor e resiste na
força da ancestralidade que floresce,
intrinsecamente ecoa um clamor
por justiça.

Sonho em um mundo onde a cor
não defina conquista.

Que a justiça encontre caminhos
dignos para julgar na medida, essa
é a saída, mas as dores são o peso
largado na vida

Uma luta constante

Na pele escura, a dor se revela
um grito mudo, que o tempo não
cancela. Olhares que julgam, palavras que ferem, um fardo
passado, que os ombros carregam.

Na voz que ecoa, a força se encontra, um grito de justiça,
que o clima apronta em cada sorriso, a esperança floresce,
na luta constante, a alma se aquece.

Que a luz da igualdade, enfim,
prevaleça e o racismo, sombras, desapareça, somos
herdeiros de um passado de dor mas a nossa força, o
tempo não apagou.

Grito

Minha pele escura tem a alma ferida.
Estou cansada de ser oprimida.
Olhares que doem, palavras presas, nó na
garganta.
Justiça cega, quero vingança
Liberdade roubada, dor que não passa.
Voz que se ergue, ecoa no ar, em cada luta
um novo despertar.
Igualdade, um sonho a alcançar

Beleza de flor

Tua pétala é tão bela
È tão formosa a tua tela
pena não cuidarem com cautela
Tua cor te envolve inteira
Não pense que tu és miserável
O que és é incomparável

Herança

Num mundo de cor, tons e matizes
onde a beleza se encontra em cicatrizes, a
ignorância ergue um muro sombrio, o preconceito é
um fardo frio

Pele negra, alma brilhante, julgada por olhos que
não vêem adiante

A herança ancestral, o futuro de esperança,
resistência pura desde criança, lugar sem igual

Sussurros da Sombra

Nos acordes da vida,
um sussurro profundo

A voz que não brilha,
mas rege o mundo,
sombra que dança, na
luz da razão.

Eminência parda, coração
em canção

Com notas de história, e
versos de dor.

Música que embala, um eco
de amor.

Por trás do palco, a sabedoria
à guiar.

A melodia oculta que
nos faz sonhar.

Construção

Nas sombras, o poder se
esconde e cresce, sem coroa,
mas quem move e conduz,
aparece.

A rua resiste, o jogo é instável,
quem dita as regras e quem
permanece invisível.

Entre fios e silêncios, o futuro é
tecido, no gueto, a luta é
constante, sem ser ouvido .

O trono não é meu, mas do
chão eu mudo, nas sombras sou
eu quem constrói o mundo.

Músicas

Eminência Parda (part. Dona Onete, Jé Santiago e Papillon) - Emicida

[Dona Onete]
Muriquinho piquinino, muriquinho piquinino
Purugunta aonde vai, purugunta aonde vai
[Jé Santiago]
Escapei da morte, agora sei pra onde eu vou
Sei que não foi sorte, eu sempre quis tá onde eu tô
Não confio em ninguém, não
Muito menos nos po-po (fuck the police)
Dinheiro no bolso, meu pulso todo congelou (yeah)
Foi antes dos show (foi antes dos show)
Bem antes do blow (antes do blow)
Tava com meus bro, antes do hype e uns invejoso
Escapei da morte, agora sei pra onde eu vou
Sei que não foi sorte
[Emicida]
OK
Eram rancores abissais (mas)
Fiz a fé ecoar como catedrais
Sacro igual Torás, mato igual corais
Tubarão voraz de saberes orientais
Meu cântico fez do Atlântico um detalhe quântico
Busque-me nos temporais (vozes ancestrais)
Num se mede coragem em tempo de paz
Estilo Jesus 2.0 (carai, Jesus 2.0)
Caminho sobre as água da mágoa dos pangua
Que caga essas regra que me impuseram
Era um nada, hoje eu guardo o infinito
Me sinto tipo a invenção do zero
Não sou convencido (não), sou convincente
Aí, vê na rua o que as rima fizeram
Da pasta base pra base na pasta, o mundão arrasta
A milhão minha casta voa, ping-pong
Afasta bosta, basta, mente Rasta vibra
Recalibra o ying-yang
Igual um cineasta, eu busco a fresta, ofusco a festa
Mira a testa, eu mando o Kim Jong (Masta)
Eu decido se cês vão lidar com King ou se vão lidar com Kong]
Em ouro tipo asteca, vim da vida seca
Tudo era o Saara, o Saara, o Saara
Abundância meta, tipo Meca
Sou Thomas Sankara que encara e repara
Pique recém-nascido, cercado de xeca
Mescla de Vivara, Guevara, Lebara
Minha caneta tá fudendo com a história branca
E o mundo grita: Não para, não para, não para
Então supera a tara velha nessa caravela
Sério, para, fella, escancara tela em perspectiva
Eu subo, quebro tudo e eles chama de conceito
Eu penso que de algum jeito trago a mão de Shiva

Isso é Deus falando através dos mano
Sou eu mirando e matando a Klu
Só quem driblou a morte pela Norte saca
Que nunca foi sorte, sempre foi Exu
Meto terno por diversão
É subalterno ou subversão?
Tudo era inferno, eu fiz inversão
A meta é o eterno, a imensidão
Como abelha se acumula sob a telha
Eu pastoreio a negra ovelha que vagou dispersa
Polinização pauta a conversa
Até que nos chamem de colonização reversa
Não tem dor que perdurará
Nem o teu ódio perturbará
A missão é recuperar
Cooperar e empoderar
Já foram muitos anos na retranca (retranca)
Mas preto não chora, mano, levanta (levanta)
Não implora, penhora a bandeira branca
Não cansa a garganta com antas, não adianta não
Foco e atenção na nossa ascensão
Fuck a opressão (ya)
Não tem outra opção
Até estar tudo em pratos limpos, sem sabão (ya)
A partir de agora é papo reto sem rodeio
Olha direto nos olhos de um preto sem receio
Dizem que eu cruzei a meta
Pra mim nem comecei
Cheguei, rimei, ganhei, sou rei
[Jé Santiago]
Escapei da morte, agora sei pra onde eu vou
Sei que não foi sorte, eu sempre quis tá onde eu tô
Não confio em ninguém, não
Muito menos nos po-po (fuck the police)
Dinheiro no bolso, meu pulso todo congelou (yeah)
Foi antes dos show (foi antes dos show)
Bem antes do blow (antes do blow)
Tava com meus bro, antes do hype e uns invejoso
Escapei da morte, agora sei pra onde eu vou
Sei que não foi sorte, eu sempre quis tá onde eu tô
[Dona Onete]
Muriquinho piquinino, muriquinho piquinino
Purugunta aonde vai, purugunta aonde vai

Música inspirada na música “Eminência Parda”

Escravocratas do dia a dia

Nunca vi uma estrela cadente
Só giroflex na madrugada
O diabo pra mim usa farda
Não me lembro de te fazer nada

Os mano levou de cacetete
Anos atrás, era chicotada
Só mudaram a arma do crime
Sua cabeça ainda é fechada

Nada é de graça
Sonho de infância
Alcançando o pódio
A única coisa que eu vi
Distribuir de graça
Na rua foi ódio

Sangue na esquina
Mãe abalada
Todo dia é o mesmo episódio
A ferida fica mais profunda
E eles mandando
Só botar sódio

(REFRÃO)
Favela, senzala
Da tudo na mesma
Eles querem nos ver embaixo
E impedir que a gente cresça
Toda vez quem ta encima, pisa
Na nossa cabeça
Olham pra baixo e nos vêem
Como se fossemos bestas
Mas a virada de chave
Ta dentro de cada mano
Vamo tomar o que é o nosso
E que nos foi roubado há anos
Dentro do peito um sonho
Que foi dito devaneio
Na largada fui o último
Mas vou chegar em primeiro

Desde pequeno já fui ensinado
Toma cuidado o jeito que se porta
Deonde tu vem
Pelo teu semblante
Eles já te enxergam com alvo nas costas

Sempre suspeito
Mas sem dever nada
Sempre cansado vivendo em regime
Do que adianta a honestidade
Se eles me enxergam a cara do crime

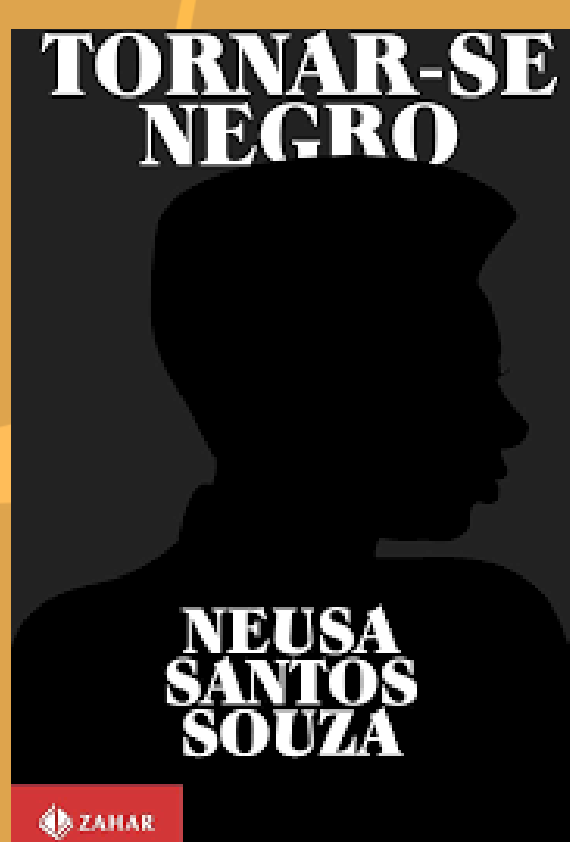
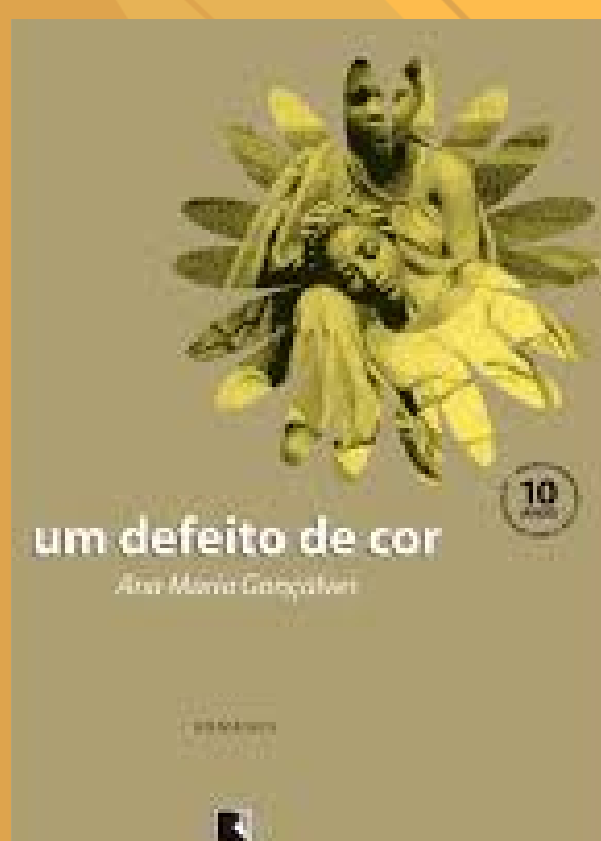
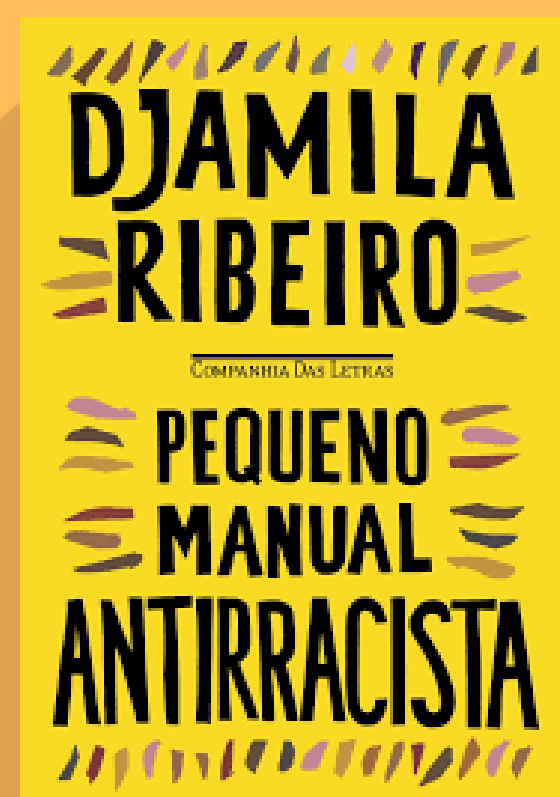
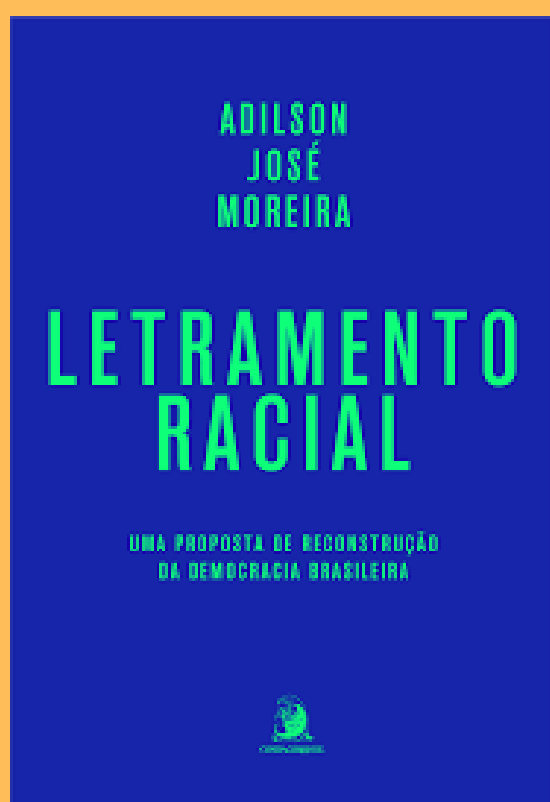
Mas não conhecem minha cara
Retrato a ancestralidade
O espelho do Europeu
Reflete a cara do crime de verdade

Caráter se molda na rua
Mais do que escola aprendi tudo é fase
Fazendo valer meu esforço
Mesmo com eles sabotando a base
(REFRÃO)

Favela, senzala
Da tudo na mesma
Eles querem nos ver embaixo
E impedir que a gente cresça
Toda vez quem ta encima, pisa
Na nossa cabeça
Olham pra baixo e nos vêem
Como se fossemos bestas
Mas a virada de chave
Ta dentro de cada mano
Vamo tomar o que é o nosso
E que nos foi roubado há anos
Dentro do peito um sonho
Que foi dito devaneio
Na largada fui o último
Mas vou chegar em primeiro

Música composta pelos alunos da turma 202 sob regência do aluno Gabriel que também interpreta a música, mas não é possível postagem porque o take tem direitos autorais.

Dicas de livros

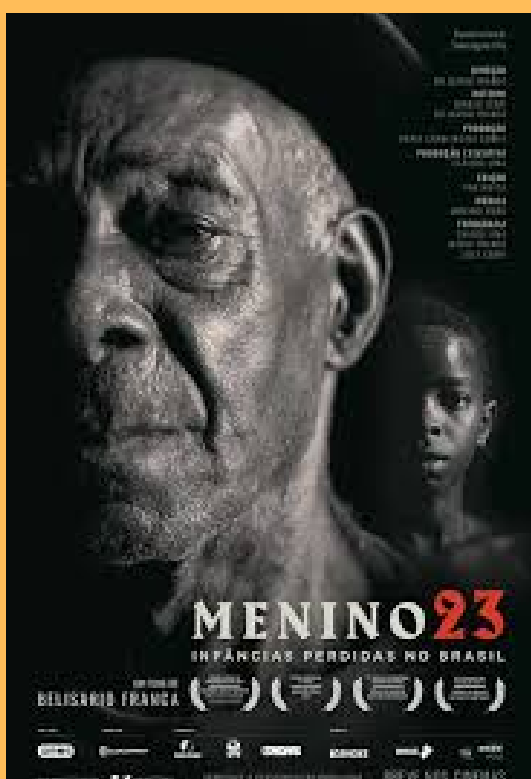
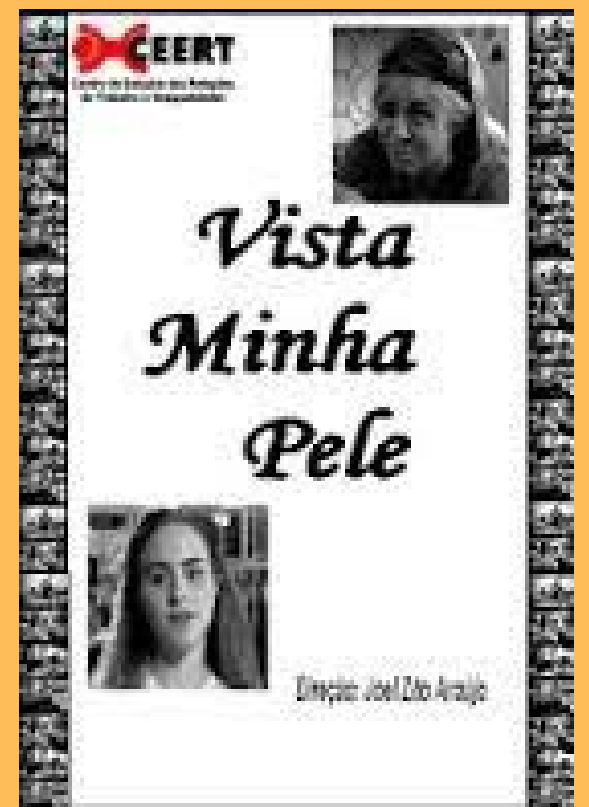


Dicas de Filmes



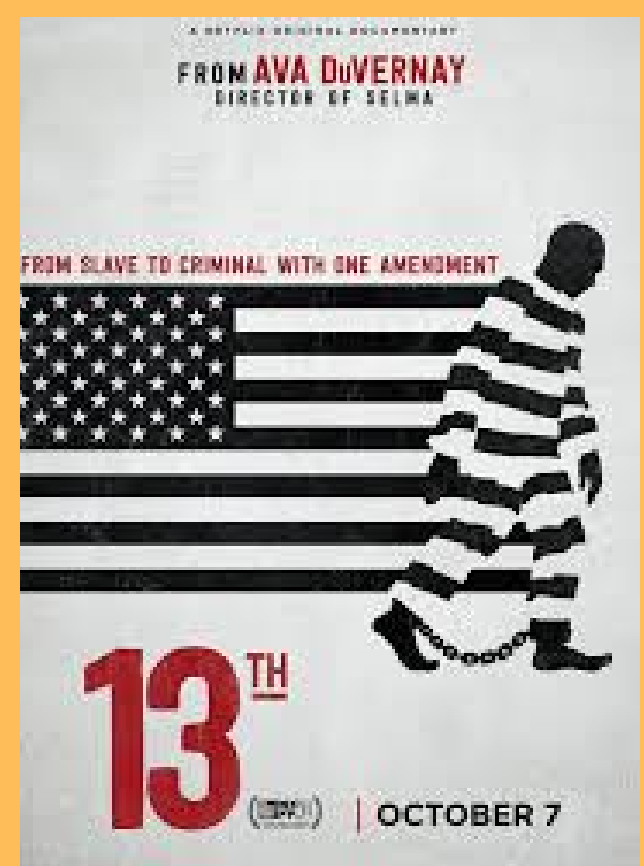
Medida Provisória(2020) – Uma distopia provocadora sobre reparação histórica e expulsão de negros do Brasil.

Vista Minha Pele (2004) – Curta educativo que inverte papéis raciais para refletir sobre privilégios.



Menino 23: Infâncias Perdidas no Brasil (2016) – Documentário sobre crianças negras escravizadas por simpatizantes do nazismo.

A 13ª Emenda (2016) – Documentário sobre o sistema prisional dos EUA e suas raízes na escravidão.



Estrelas Além do Tempo (2016) – História de mulheres negras que revolucionaram a NASA.

Corra! (2017) – Suspense que denuncia o racismo velado em ambientes aparentemente progressistas.



Olhos que Condenam (2019) – Série baseada em caso real de jovens negros injustamente acusados.

Malcolm X (1992) – Biografia do líder afro-americano e sua luta por direitos civis.



Selma: Uma Luta pela Igualdade (2014) – Retrata as marchas lideradas por Martin Luther King Jr.

Eu Não Sou Seu Negro (2016) – Documentário baseado nos escritos de James Baldwin.



Vale Saber

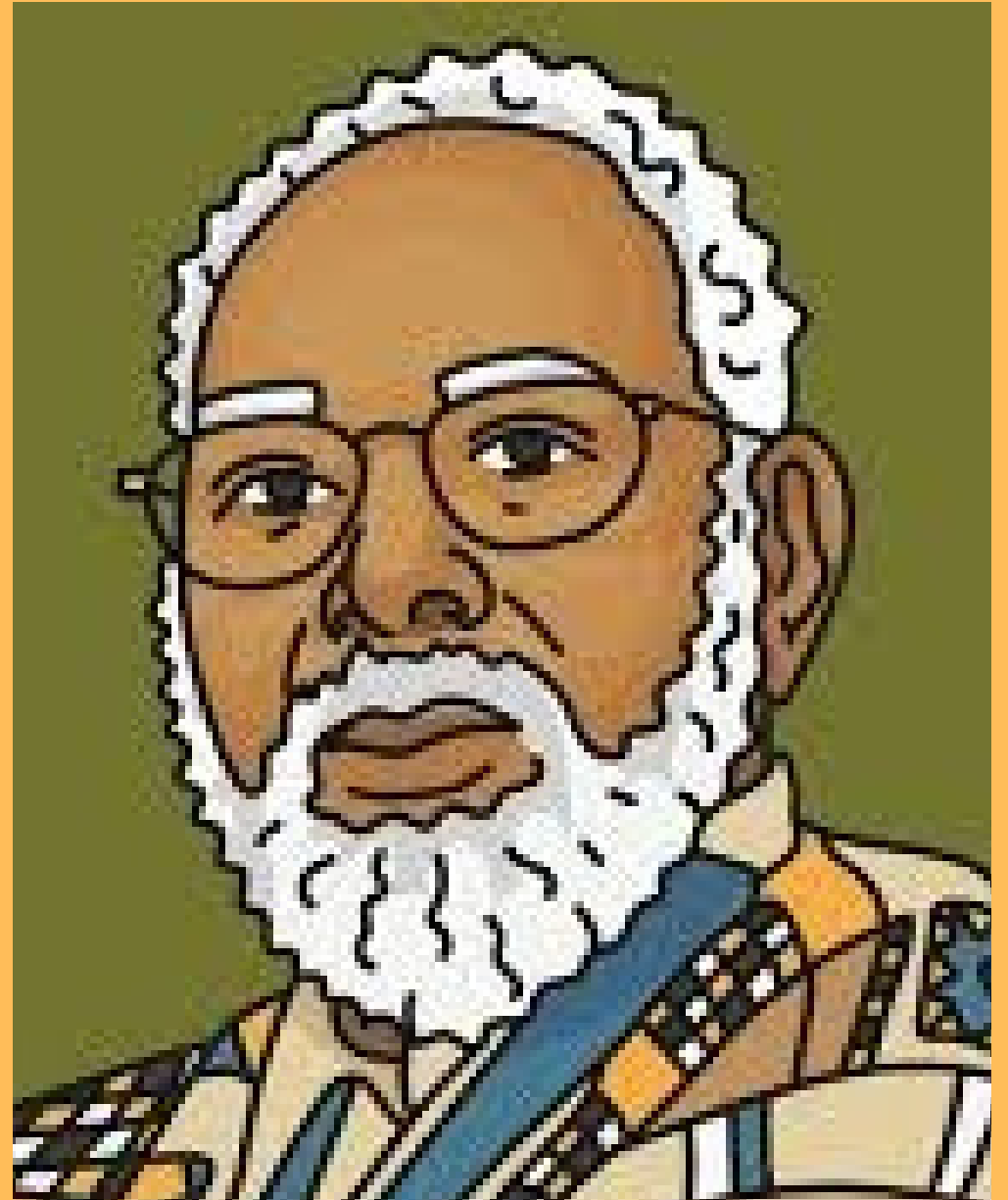
Zumbi dos Palmares Nasceu em 1655 e se tornou o último líder do Quilombo dos Palmares, considerado o maior refúgio de que conseguiram escapar do cativeiro. Ele se recusou a aceitar propostas que mantinham a escravidão e lutou até ser morto em 1695. Depois de sua morte, sua cabeça foi exibida em praça pública para tentar apagar a ele representava. Com o tempo, Zumbi virou um ícone da luta contra o racismo e pela liberdade, sendo lembrado todos os anos no Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro. Disponível em: [Zumbi dos Palmares: O Herói da Resistência Negra no Brasil Colonial - História e Memória do Brasil](#)



Dandara dos Palmares foi uma mulher negra guerreira do século XVII que viveu no Quilombo dos Palmares, em Alagoas. Casada afirmativas com Zumbi dos Palmares, ela participou da defesa do quilombo, enfrentando os ataques dos portugueses. Dandara não aceitava acordos que mantinham os negros escravizados e, quando foi capturada em 1694, escolheu morrer a ter que voltar à escravidão. Sua trajetória simboliza a resistência, a liberdade e a força da mulher negra. Disponível em: [Personalidades Negras – Dandara — Fundação Cultural Palmares](#)

Abdias do Nascimento

foi um dos maiores intelectuais e ativistas negros do Brasil. Fundador do Teatro Experimental do Negro e do Museu de Arte Negra, lutou pela valorização da cultura afro-brasileira e pelos direitos civis. Foi deputado, senador e professor universitário, além de propor as primeiras leis de ações afirmativas no país. Seu legado conecta arte, política e ancestralidade. Disponível em: [Abdias Nascimento | Ipeafro](#)



Luiz Gama Foi um dos nomes mais marcantes na luta contra a escravidão no Brasil. Apesar de ter nascido livre, como pelo à educação formal, aprendeu a ler por conta própria e conquistou sua liberdade aos 17 anos. Mesmo sem diploma, atuou como advogado e muitas escravizadas, usando a lei como ferramenta de libertação. Em reconhecimento ao oficialmente registrado como advogado pela OAB em 2015 e declarado Patrono da Abolição da Escravidão em 2018. Disponível em: [Luiz Gama - Instituto Luiz Gama](#)

Referências

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo; Pólen, 2019.

Abdias Nascimento. Disponível em: <<https://ipeafro.org.br/personalidades/abdias-nascimento/>>. Acesso em: 18 jul. 2025

EVARISTO, Conceição. Becos da Memória. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

GUIMARÃES, Sandra Suely Moreira Luri. neProjeto letramento racial: como forma de combate ao racismo / Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Jurídicas - Belém: ICJ/UFGPA, 2023. Disponível em: <https://www2.mppa.mp.br/data/files/9A/07/9A/60/1DBFB810F7967688180808FF/CARTILHA_ANTIRRACISTA.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2025.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

Luiz Gama – Instituto Luiz Gama. Disponível em: <<https://institutoluizgama.org.br/luiz-gama/>>. Acesso em: 18 jul. 2025.

Luiz Gama – Instituto Luiz Gama. Disponível em: <<https://institutoluizgama.org.br/luiz-gama/>>. Acesso em: 18 jul. 2025.

NEVES, Jully; MARIANO, Tamara. Cartilha de Letramento Racial. TODXS, 2022. Disponível em: <https://todxs.org/biblioteca/cartilhadeletramentoracial>

Personalidades Negras – Dandara . Disponível em: <<https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/personalidades-negras-2013-dandara>>. Acesso em: 18 jul. 2025.

RIBEIRO, Dijamila. Pequeno Manual Antirracista. São Paulo: 1ª Companhia das Letras, 2019

SOUZA, Jessé. Como o racismo criou o Brasil. São Paulo: LeYa, 2021

Zumbi dos Palmares: O Herói da Resistência Negra no Brasil Colonial. Disponível em: <<https://historiaememoriadobrasil.com/zumbi-dos-palmares-o-heroi-da-resistencia-negra-no-brasil-colonial/>>. Acesso em: 18 jul. 2025.